



**CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
UNIPAC**



A AUTOMEDICAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS DURANTE A PAN- DEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS EM JUIZ DE FORA - MG

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Centro Universitário Presidente Antônio
Carlos – UNIPAC.

Juiz de Fora – MG
2022

A AUTOMEDICAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS EM JUIZ DE FORA - MG

Barbara Dessupoio Carneiro
Enzo Amaral Avidago
Francesca Galvão de Moraes Delgado
Gabriela Valadares Salzer e Silva
Lohaine Alberice Poiã de Souza
Mariana Torres Furtado Martins
Rafael Venâncio de Souza
Thaynara Alvim dos Reis

Orientador: Prof. Danielle Cristina Zimmermann Franco
Coorientadoras: Prof.^a Me. Anna Marcella Neves Dias
Prof.^a Me. Nathália Barbosa do Espírito Santo Mendes

Juiz de Fora – MG
2022

A AUTOMEDICAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS EM JUIZ DE FORA – MG.

TÍTULO EM INGLÊS

Barbara Dessupoio Carneiro¹ (<https://orcid.org/0000-0002-6020-5361>)

Enzo Amaral Avidago¹ (<https://orcid.org/0000-0001-9351-7137>)

Francesca Galvão de Moraes Delgado¹ (<https://orcid.org/0000-0001-8693-0265>)

Gabriela Valadares Salzer e Silva¹ (<https://orcid.org/0000-0002-3882-860X>)

Lohaine Alberice Poiã de Souza¹ (<https://orcid.org/0000-0001-5321-4254>)

Mariana Torres Furtado Martins¹ (<https://orcid.org/0000-0002-9901-1054>)

Rafael Venâncio de Souza¹ (<https://orcid.org/0000-0003-3427-1346>)

Thaynara Alvim dos Reis¹ (<https://orcid.org/0000-0003-0078-7133>)

Anna Marcella Neves Dias² (<https://orcid.org/0000-0001-9811-6738>)

Nathália Barbosa do Espírito Santo Mendes³ (<https://orcid.org/0000-0001-9930-1222>)

Danielle Cristina Zimmermann Franco (<https://orcid.org/0000-0002-5184-2991>)

¹Acadêmicos do Curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) - Juiz de Fora (MG), Brasil.

²Fonoaudióloga, Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) - Juiz de Fora (MG), Brasil, Mestre.

³Bióloga, Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) - Juiz de Fora (MG), Brasil, Mestre.

⁴Farmacêutica, Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC – Juiz de Fora –MG, Doutora.

Resumo

Introdução: A automedicação, definida como a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autoreferidas, é um hábito comum entre os brasileiros. Com o advento da pandemia do novo Coronavírus que iniciou em dezembro de 2019, houve uma maior preocupação em relação a essa prática. **Objetivo:** Verificar a frequência de automedicação e o perfil dos indivíduos que a praticaram durante o período de pandemia do novo coronavírus. **Métodos:** Tratou-se de um estudo trans-

versal, descritivo e analítico com dados coletados através de questionário autoaplicável via Google Forms contendo 26 questões. **Resultados:** A amostra foi composta por 338 indivíduos, sendo a automedicação admitida por 236 (69,82%) entrevistados. Verificou-se a predominância do uso de medicamentos sem receita por mulheres (69,49%), pessoas com idade entre 18 e 34 anos (76,39%) e com nível superior incompleto (41,53%). Destacou-se a elevada frequência de profissionais da área da saúde que realizaram a automedicação (45,34%). Foi verificada a utilização de medicamentos em casos de confirmação e suspeita de COVID e na tentativa de prevenção da doença. Observou-se uma prevalência da venda dos medicamentos: Ivermectina, Azitromicina, Vitamina C, Vitamina D, Dipirona e Paracetamol. **Conclusão:** Houve progressão acelerada da automedicação a partir do início do período pandêmico. O perfil de indivíduos que fazem automedicação foi caracterizado por predominância no sexo feminino, grupo de pessoas entre 18 e 34 anos, profissionais da área da saúde e pessoas com ensino superior incompleto.

Palavras-chave: automedicação; pandemia; coronavirus; COVID-19.

Abstract

Introduction. Objective. Methods. Results. Conclusion.

Keywords:

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu como automedicação a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas, sendo um elemento do autocuidado, o qual é a atitude tomada pelo indivíduo para estabelecer e manter a saúde, além de prevenir e lidar com doenças¹. Os medicamentos são considerados bens sociais e a sua utilização depende de vários fatores, como, o aparecimento de novas e velhas doenças, o aumento da ocorrência de doenças crônicas e os investimentos financeiros do governo brasileiro a fim de garantir o acesso universal aos serviços de saúde².

A venda indiscriminada de medicamentos motivada pelas dificuldades de acesso ao sistema de saúde, assim como os altos custos de planos de saúde e consultas médicas, associada ao não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica e a carência de informação e instrução na população, é determinante para a prática da automedicação, mesmo em caso de doenças que necessitam de exames clínicos e laboratoriais para o seu diagnóstico².

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na província de Hubei (na China), foi notificado um surto de pneumonia de origem desconhecida³. Investigações

posteriores, a partir do sequenciamento genético, identificaram o microrganismo betacoronavírus denominado SARS-CoV-2, tendo seu primeiro caso confirmado ainda em dezembro, justificando a origem dos quadros de pneumonia, ao qual foi denominado *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19)⁴. A COVID-19 é uma doença que se caracteriza por uma alta transmissibilidade e, devido a fácil contaminação, houve aumento do número de casos notificados mundialmente, resultando em internações e mortes, sendo decretada, em 11 de Março de 2020, pela OMS, a pandemia pelo novo coronavírus^{5,6}.

A progressão da pandemia gerou um impacto na população pela sensação de angústia e medo do desconhecido, bem como pela necessidade de distanciamento social como medida emergencial, que ocasionou a busca indiscriminada de informações pelos indivíduos, muitas vezes sem comprovação científica^{7,8}. Esse cenário caótico impulsionou a procura por estratégias farmacológicas terapêuticas e/ou profiláticas. Houve um aumento da utilização de medicamentos de maneira irresponsável, sendo que, na maioria dos casos, os compostos apresentam pouca ou nenhuma evidência científica atestando sua eficácia contra o SARS-CoV-2^{9,10}. Para que o uso racional ocorra, é necessário que os pacientes recebam medicamentos apropriados para suas necessidades clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e com o menor custo para elas e para a comunidade¹¹. Entretanto, o uso irracional é um dos principais impasses relacionados à farmacoterapia e afeta especialmente o tratamento de doenças infecciosas, como a COVID-19⁹.

Grande parcela da população brasileira faz uso de medicamentos sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado com uma piora no cenário atual de pandemia.¹² O uso irracional de medicamentos pode causar agravos à saúde de pacientes com ou sem coronavírus e é grave em ambos os casos: contribuindo para aumentar a morbimortalidade e ocupação de leitos. Por isso, é importante investigar as causas e as fontes de informações que levam a sociedade a se automedicar de maneira demasiada, além das consequências e desfechos.

O objetivo do presente estudo foi verificar a frequência de automedicação e o perfil dos indivíduos que a praticam durante o período de pandemia do novo coronavírus.

MÉTODOS

Estudo transversal, de caráter descritivo e analítico, realizado no período de setembro a novembro de 2021, em que foram investigados os aspectos relacionados à automedicação durante a pandemia de COVID-19 entre 338 indivíduos do município de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais.

De acordo com dados do sistema DATASUS, o município mineiro apresentava, em 2021, 577.532 habitantes, dos quais 271.881 (47,08%) eram do sexo masculino e 305.651 (52,92%) eram do sexo feminino. No ano de 2019, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 2,4 salários mínimos^{13,14}. O conhecimento de tal perfil da população pode ser importante para entender a predominância de certos achados no presente estudo.

Foi utilizado um questionário autoaplicável via Google Forms, com um total de 26 itens, sendo oito questões acerca do perfil socioeconômico do entrevistado e 18 questões referentes à automedicação no período da pandemia pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2).

Como critério de inclusão, foi definido apenas a participação de residentes do município de Juiz de Fora, com idade maior ou igual a 18 anos e menor ou igual a 65 anos. Foram excluídos os indivíduos que não responderam a alguma pergunta do questionário.

Os participantes foram classificados de acordo com a realização de automedicação no período investigado em dois grupos: “automedicação” e “sem automedicação”. Dessa forma, as comparações entre os indivíduos foram possíveis, permitindo a identificação de fatores de risco para o hábito.

Os dados foram armazenados no programa Excel 365, Microsoft Corporation ® USA e processados pelo software SPSS (Statistical Package for Social Sciences) para Windows, versão 20.0.

Foi realizada análise estatística descritiva de todas as informações coletadas e análise bivariada para comparar as características demográficas e o ato de automedicação dos participantes e a diferença entre duas amostras independentes. No caso das variáveis categóricas aqui investigadas, foi empregado o teste do Qui-quadrado (χ^2) e o teste Exato de Fisher foram empregados na comparação de proporções, considerando-se um nível de significância de 5% ($\alpha=0,05$). Para variáveis contínuas (idade), foi investigada diferença por meio do teste t de igualdade de duas amostras independentes ($p<0,05$). Ainda foi calculada a prevalência de automedicação na amostra.

Os indivíduos do presente estudo assinalaram o ícone de autorização incluído no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com a participação na pesquisa. A mesma foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, número de parecer 4.880.461, de 02 de agosto de 2021.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 338 indivíduos, sendo a automedicação admitida por 236 (69,82%) entrevistados. A caracterização da amostra por sexo, idade, nível de escolaridade, renda e atuação na área da saúde está descrita na Tabela 1 e relacionada com a realização ou não da automedicação. Verificou-se a predominância do uso de medicamentos sem receita por mulheres (69,49%), pessoas com idade entre 18 e 34 anos (76,39%) e com nível superior incompleto (41,53%). Destacou-se a elevada frequência de profissionais da área da saúde que realizaram a automedicação (45,34%).

Tabela 1. Caracterização da amostra por sexo, idade, nível de escolaridade, renda e atuação na área de saúde em relação com a realização ou não da automedicação.

Característica	Perfil Amostral			
	Automedicação (n = 236)		Sem automedicação (n = 102)	
Sexo	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Feminino	164	69,49%	52	50,98%
Masculino	72	30,51%	50	49,02%
TOTAL	236	100,00%	102	100,00%

Idade	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
18-24 anos	100	42,92%	30	29,41%
25-34 anos	78	33,48%	43	42,16%
35-44 anos	29	12,45%	11	10,78%
45-54 anos	15	6,44%	12	11,76%
55-65 anos	11	4,72%	6	5,88%
TOTAL	233	100,00%	102	100,00%

Nível de Escolaridade	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Médio Incompleto	0	0,00%	1	0,98%
Médio Completo	28	11,86%	13	12,75%
Superior Incompleto	98	41,53%	38	37,25%
Superior Completo	61	25,85%	34	33,33%
Especialista	30	12,71%	10	9,80%
Mestre	12	5,08%	4	3,92%
Doutor	7	2,97%	2	1,96%
TOTAL	236	100,00%	102	100,00%

Renda	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Até 1 salário mínimo	23	9,75%	7	6,86%
De 1 a 2 salários mínimos	42	17,80%	14	13,73%
De 2 a 3 salários mínimos	24	10,17%	18	17,65%
De 3 a 5 salários mínimos	33	13,98%	18	17,65%
De 5 a 10 salários mínimos	37	15,68%	15	14,71%
De 10 a 20 salários mínimos	19	8,05%	7	6,86%
Mais de 20 salários mínimos	5	2,12%	2	1,96%
Sem rendimentos	53	22,46	21	20,59%
TOTAL	236	100,00%	102	100,00%

Atua na área da saúde	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Sim	107	45,34%	35	34,31%
Não	129	54,66%	67	65,69%
TOTAL	236	100,00%	102	100,00%

Para melhor investigar a automedicação durante a pandemia de COVID-19 e verificar questões mais específicas, foram realizadas perguntas direcionadas e que estiveram relacionadas com o cenário pandêmico.

Na Tabela 2 verificou-se a utilização de medicamentos em casos de confirmação e suspeita de COVID e na tentativa de prevenção da doença por entrevistados que confirmaram a realização de automedicação. Também foi analisado o conhecimento sobre os riscos da automedicação e se os entrevistados seguiram as orientações descritas na bula. A utilização de medicamentos na tentativa de preven-

ção foi de 25% e a utilização de medicamentos na confirmação e suspeita foi de 33,9% neste grupo.

Chamou atenção ainda, o fato de que grande parte dos participantes que declararam conhecer os riscos da automedicação (n=210; 88,98%), também afirmaram que não fizeram o uso seguindo as recomendações da bula do medicamento (n=163; 69,07%).

Tabela 2. Análise do conhecimento dos entrevistados sobre os riscos da automedicação e a utilização conforme a bula.

Medicamentos relacionados ao COVID-19	Automedicação	
Utilizou na confirmação ou suspeita	FA (n)	FR (%)
Sim	80	33,90%
Não	156	66,10%
TOTAL	236	100,00%
Utilizou acreditando na prevenção	FA (n)	FR (%)
Sim	59	25,00%
Não	177	75,00%
TOTAL	236	100,00%
Seguiu as orientações da bula	FA (n)	FR (%)
Sim	163	69,07%
Não	73	30,93%
TOTAL	236	100,00%
Possui conhecimento das consequências da automedicação	FA (n)	FR (%)
Sim	210	88,98%
Não	26	11,02%
TOTAL	236	100,00%

A análise do perfil de risco para automedicação durante a pandemia foi verificada a fim de elucidar quais características poderiam estar associadas a esse hábito capaz de trazer consequências deletérias para a saúde da população. Primeiramente, foi constatada diferença na idade de ambos os grupos, sendo aqueles que não realizaram automedicação mais velhos (mediana de 28 anos) do que os que realizaram (mediana de 25 anos) (p=0,0305). As demais variáveis qualitativas que demonstraram associação com a realização de automedicação foram sexo e ser profissional da área da saúde.

Tabela 3. Análise da associação entre as variáveis qualitativas investigadas e a prática de automedicação durante a pandemia de COVID-19.

Variável	Qui-quadrado	p-valor
Sexo	10,58	0,001*
Profissional da área da saúde	55,87	< 0,0001*
Renda	5,51	0,5897
Escolaridade	5,09	0,533
Faixa etária (exclusivamente quanto ao uso de medicamentos do “esquema” para tratamento da COVID-19)	3,08	0,544
Faixa etária (exclusivamente quanto ao uso de medicamentos do “esquema” para prevenção da COVID-19)	4,91	0,297
Conhecer os riscos da automedicação durante a infecção por COVID-19	3,52	0,061

* Variáveis que apresentaram associação ($p < 0,05$)

Mulher e profissional da área da saúde foram as características associadas à automedicação nesse estudo. Houve uma tendência de realização dessa prática dentre aqueles que afirmaram conhecer os riscos da automedicação durante a infecção por COVID. Por fim, a prevalência de automedicação na amostra foi de 70%.

Os entrevistados que fizeram uso de medicamentos durante a suspeita ou confirmação (33,90%) utilizaram de ivermectina (48,75%), azitromicina (46,25%), dipirona (35%), paracetamol (31,25%), vitamina D (31,25%), ibuprofeno (12,50%) e hidroxicloroquina sulfato (8,75%).

Entre os entrevistados que fizeram uso de medicamentos na tentativa de prevenção (25%), os medicamentos e suplementos vitamínicos mais citados foram: ivermectina (71,19%), vitamina C (42,37%), vitamina D (37,29%) e azitromicina (10,17%).

DISCUSSÃO

Estudos apontaram que o costume de se automedicar, entre os brasileiros, já existia no período pré-pandêmico, prática essa que se intensificou com o início da pandemia¹⁵. No presente estudo, identificou-se elevada prevalência (70%) de automedicação na amostra em questão, composta por residentes do município de Juiz de Fora, Minas Gerais. Segundo Onchonga et al.¹⁶ a prevalência global de autome-

dicação aumentou de 36,2% antes da pandemia, para 60,4% durante a pandemia, o que mostra que, em comparação com dados globais, o município de Juiz de Fora encontrou-se com alta taxa de automedicação. No Brasil, em um estudo transversal realizado no Distrito Federal, no ano de 2017, com 1820 indivíduos, 646 declararam realizar automedicação o que resultou uma prevalência bem abaixo dos números aqui demonstrados: 14,9%². A discrepância abrupta nesses números pode ter sido influenciada pelo contexto da pandemia, mas também pela característica das populações em cada região, como idade, diagnóstico de doenças crônicas, limitações dos indivíduos (andar, executar tarefas sozinho).

Na pesquisa realizada, observou-se que a maioria dos participantes que praticaram a automedicação (69%) não seguiu a bula e, desse mesmo grupo, um elevado percentual (89%) afirmaram conhecer as consequências desta prática. Assim como no presente estudo, Souza et al.⁵ observaram que a grande maioria dos entrevistados adquiriu fármacos sem prescrição médica e/ou sem consultar a bula, e, quando indagados sobre o conhecimento dos potenciais riscos da automedicação, bem como seus efeitos colaterais, houve uma predominância de pessoas que afirmaram conhecer as reações medicamentosas adversas. Esse tipo de conduta, quando não é pautado por conhecimento técnico, expõe o paciente ao risco de problemas relacionados aos medicamentos (PRM) que podem ser menos comuns e desconhecidos pela população em geral¹⁷. Dentre eles, podem ser ressaltadas as interações droga-droga, droga-nutriente, erros de dosagem que geram efeitos tóxicos agudos ou crônicos, exacerbação de complicações relacionados a algumas doenças, como danos hepáticos ou renais, também observados no curso da COVID-19 severa^{18,19}.

Ao analisar a variável sexo, a prática de automedicação foi mais comum dentre as mulheres na presente amostra, em que 69% declararam a realização dessa prática, corroborando com os resultados encontrados por Souza et al.⁵. Isso se deve ao fato de que, geralmente, as mulheres, quando comparadas aos homens, são mais preocupadas com a manutenção da sua saúde, levando-as a procurar mais informações e serviços na atenção primária, sendo os homens mais resistentes neste aspecto. Além disso, outro fator relacionado é a imposição cultural de papéis sociais tradicionalmente atribuídos a elas, dentre eles o de prover a saúde da família⁵.

Com o início da pandemia, houve o aumento na venda de medicamentos analgésicos, anti-inflamatórios, antirreumáticos e antimicrobianos, por conta do uso irracional e indiscriminado, motivados por estudos^{4,20} que demonstraram a capacidade dos medicamentos de conter a capacidade infecciosa do vírus. No entanto, essas pesquisas apresentaram erros (como a falta de randomização, imprecisão e evidências apenas indiretas) e foram questionadas por muitos especialistas.

A ivermectina, por exemplo, sofreu um aumento de 829% em seu consumo, saindo de 44 milhões de reais, em 2019, para 409 milhões, em 2020. A hidroxicloroquina e cloroquina também tiveram crescimento na receita, passando de 55 milhões em 2019 para 91,6 milhões em 2020. Ainda, a venda de azitromicina subiu 30,8%, passando de 12 milhões de caixas vendidas em 2019 para 16 milhões em 2020⁴.

Em relação aos participantes da pesquisa que realizaram a automedicação durante o presente período pandêmico, como profiláticos ou para tratamento das infecções pelo SARS-CoV-2, houve destaque para os fármacos ivermectina e azitromicina, e, em relação ao suplemento vitamínico, houve prevalência das vitaminas D e vitamina C, mesmo alguns deles não possuírem comprovação científica sobre sua eficácia.

A utilização de medicamentos sem prescrição médica pode causar danos ao paciente e levar a consequências em longo prazo, como o aumento do risco de resistência antimicrobiana, no caso da Azitromicina e outros antimicrobianos²¹. Mas, até mesmo suplementos vitamínicos podem gerar complicações, tal qual o excesso de vitamina D que pode levar a quadros de hipervitaminose (toxicidade), calcificação de tecidos moles, hipercalemia, manifestações neuropsiquiátricas, gastrointestinais, cardiovasculares e renais^{7,22}. O uso indiscriminado de vitamina C pode causar, principalmente, problemas gastrointestinais, como diarreias, cólicas, dor abdominal e dores de cabeça⁷. Já a ivermectina, quando em doses elevadas, pode apresentar um grande potencial neurohepatotóxico, o que pode agravar doenças neuronais e hepáticas, causando, por exemplo, necrose no fígado, principalmente quando associada com a cloroquina/hidroxicloroquina. Outrossim, o amplo acesso ao fármaco e sua utilização em larga escala podem resultar em casos de tolerância de endo e ectoparasitas, como o *Sarcoptes scabiei*, causador da escabiose, popularmente co-

nhecido como sarna, o que pode levar a surtos de escabiose intolerantes a ivermectina no Brasil^{23,24}.

Ao contrário do que se esperava, o uso de cloroquina/hidroxicloroquina encontra-se reduzido no estudo em questão, apesar de estas drogas terem sido alvo de um estudo, em março de 2020, que concluiu que seriam eficazes para a redução da carga viral em casos graves da doença. Isso pode ser explicado pelos estudos subsequentes questionando sua real eficácia e sobre seu uso inadequado fora das configurações hospitalares ou clínicas para COVID-19²⁶. A administração da cloroquina/hidroxicloroquina de forma indevida e descontrolada na pré e pós-exposição pode aumentar o risco de efeitos adversos, destacando arritmias, retinopatias e manifestações neurológicas^{26,27}. Como um elevado percentual da amostra foi representado por profissionais da saúde (n=142, 42%), essa variável pode ter sido um diferencial para o não uso dessas drogas, tendo em vista a necessidade de que tais profissionais tiveram de se manter atualizados sobre as alternativas eficazes no manejo da COVID-19.

A automedicação é muito comum e podem ser enumerados diversos motivos como: impulso de autocuidado, sentimento de simpatia por familiares adoecidos, falta de tempo, dificuldade no acesso aos serviços de saúde, constrangimento financeiro, ignorância, descrença, a ampla propaganda, a disponibilidade e facilidade de acesso aos medicamentos, entre outros²⁸.

A automedicação é um componente-chave do autocuidado, o qual é particularmente significativo em uma era de doenças crônicas crescentes, consumidores de cuidados de saúde bem informados e, no caso do período pandêmico, pela necessidade do distanciamento social. Sendo assim, não foi uma intenção desse estudo “criminalizar” tal prática. Todavia, ficou claro como é eminente a necessidade de otimizar a automedicação, tornando-a um componente feito com responsabilidade, uma vez que se trata de um recurso importante para a saúde, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. Esta evolução, no entanto, depende de uma atuação intensiva e colaborativa entre a população e os profissionais da saúde, especialmente médicos, enfermeiros e farmacêuticos.

CONCLUSÃO

Diante das considerações apresentadas, inferiu-se que a automedicação e suas consequências inauguraram antes mesmo do período da pandemia do novo coronavírus, sendo acentuada com seu início. Este frequente aumento foi devido ao percurso pandêmico que levou a um impacto na população pela sensação de preocupação e medo do desconhecido, o que acarretou uma procura desorientada de informações sem evidência científica, levando a automedicação.

A partir da análise dos dados encontrados, notou-se que o perfil epidemiológico se caracterizou por uma predominância do sexo feminino, do grupo de pessoas entre 18 e 34 anos, de profissionais da área da saúde e de indivíduos com ensino superior incompleto. Concluiu-se, com essa pesquisa, que foram utilizados medicamentos na suspeita, na confirmação e na possível prevenção do COVID-19. Dessa forma, é notório os diversos problemas que podem ser ocasionados pela automedicação.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem pelo apoio na pesquisa do presente trabalho a professora orientadora Danielle Cristina Zimmermann Franco, professora Anna Marcella Neves Dias e a professora Nathália Barbosa do Espírito Santo pela revisão e acertos neste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Geneva: World Health Organization; 1998 [citado 2021 Mar 1]. Disponível em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>
2. Domingues PHF, Galvão TF, Andrade KRC, Araújo PC, Silva MT, Pereira MG. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiol. Serv. Saúde*. 2017, 26(2):319-30.
3. de Andrade KRC, Carvalho VKS, Farinasso CM, de Lima AA, Silva RB, Wachira VK, et al. Terapia medicamentosa para infecções por coronavírus em humanos: revisão sistemática rápida. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2020, 25(9):3517-54.
4. Melo JRR, Duarte EC, de Moraes MV, Fleck K, e Silva ASN, Arrais PSD. Reações adversas a medicamentos em pacientes com COVID-19 no Brasil: análise

das notificações espontâneas do sistema de farmacovigilância brasileiro. Cader- nos de Saúde Pública. 2021; 37(1):1-17.

5. Sousa FCA, Santos IS, Barbosa SM, Mesquita AKF, Silva WC, Silva FL, et al. Análise do consumo de medicamentos que sofreram alterações em sua regula- mentação sanitária durante a pandemia do COVID-19. Research, Society and Development. 2021; 10(7):1-7.
6. World Health Organization. WHO Director-General's opening remarks at the me- dia briefing on COVID-19 - 11 March 2020; 2020 [citado 2021 Mar 20201]. Dispo- nível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>
7. Neto IFS, Ricardino IEF, Souza MNC, Aguiar AM. Influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19. A saúde em guerra. 2022; 12(1):1-8.
8. Rafiq K, Nesar S, Anser H, Leghari Q, Hassan A, Rizvi A, et al. Self-Medication in the COVID-19 Pandemic: Survival of the Fittest. Disaster Medicine and Public Health Preparedness. Cambridge University Press; 2021, 1–5.
9. Lima WG, Cardoso BG, Simião DC, Amorim JM, Silva CA, Brito JCM. Uso irraci- onal de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. Braz. J. H. Pharm. 2020, 2(3):37-53.
10. Souza FA, Pinheiro AC, Porto JM, Costa JSC, Dias RCN, Araújo LMB et al. CO- VID-19: A automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. Braz. J. D. 2021, 7(1):2712-31.
11. World Health Organization. The rational use of drugs: report of the conference of experts. Nairobi 1985 Jul 25-29. Geneva: WHO; 1987.
12. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TSD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. Revista de Saúde Pública. 2016;50(suppl 2):1-11.
13. DATASUS. População Residente - Estudo de Estimativas Populacionais Por Mu- nicípio, Idade e Sexo 2000-2021 - Brasil. [texto na internet]. s.d. [citado 2022 Mai 01]. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?popsvs/cnv/popbr.def>>.
14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama do Trabalho e Rendi- mento do Município de Juiz de Fora. [texto na internet]. s.d. [citado 2022 Mai 19]. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama>>
15. Cavalheiro AH, Ungari AQ. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. Revista Qualidade HC. s.d.: 21-8.

16. Onchonga D, Omwoyo J, Nyamamba D. Assessing the prevalence of self-medication among healthcare workers before and during the 2019 SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic in Kenya. *Saudi Pharm J.* 2020, 28(10):1149-54.
17. Selvaraj K, Kumar SG, Ramalingam A. Prevalence of self-medication practices and its associated factors in Urban Puducherry, India. *Perspect Clin Res.* 2014, 5:32–6.
18. Pharmaceutical Care Network Europe (PCNE). The Definition of Drug-Related Problems. [texto na internet]. 2009. [citado 2022 Mai 1]. Available from: <http://www.pcne.org/sig/drpd/drug-related-problems.php>.
19. Marra F, Smolders EJ, El-Sherif O, Boyle A, Davidson K, Sommerville AJ, Marzolini C, Siccardi M, Burger D, Gibbons S, Khoo S, Back D. Recommendations for Dosing of Repurposed COVID-19 Medications in Patients with Renal and Hepatic Impairment. *Drugs R D.* 2021;21(1):9-27.
20. Bonini M, Medina G, da Silva EM, Bonini LMM, Pieber LS. Automedicação com base nas informações na internet na pandemia de COVID-19. *Revista Desafios.* 2022, 9(2):22-32.
21. Leal WS, Melo DNA, Silva FCS, Nazaré KA, Rodrigues BTF, Fernandes EL, Araújo ME da S, Martins JL, Freitas LMA de. Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina. *Rease [Internet].* 31º de agosto de 2021, 7(8):580-92.
22. Novais TK, Assis BM, de Paula ACC, Franco DCZ. Automedicação como forma de tratamento da Covid-19 e suas consequências: Self-medication as a form of Covid-19 treatment and its consequences. *Arch. Health.* 2021, 2(4):1342-7.
23. Silva LOP, Alves EA, Nogueira JMR. Consequências do uso de indiscriminado de antimicrobianos durante a pandemia de COVID-19. *Brazilian Journal of Development.* 2022; 8(2):10381-97.
24. de Oliveira-Filho AD, Bezerra LTCN, Alves NS, Neves SJF. Aumento do consumo de ivermectina no Brasil e o risco de surtos de escabiose. *Research, Society and Development.* 2021; 10(10):1-8.
25. Kapoor A, Pandurangi U, Arora V, Gupta A, Jaswal A, Nabar A, et al. Cardiovascular risks of hydroxychloroquine in treatment and prophylaxis of COVID-19 patients: A scientific statement from the Indian Heart Rhythm Society. *Indian Pacing Electrophysiol J.* 2020; (20):117-20.
26. Mégarbane B. Chloroquine and hydroxychloroquine to treat COVID-19: between hope and caution. *Clin Toxicol (Phila).* 2020; 59(1):70-1.

27. Tanni SE, Bacha HÁ, Naime A, Bernardo WM. Uso de hidroxicloroquina para prevenir a infecção por SARS-CoV-2 e tratar COVID-19 leve: revisão sistemática e meta-análise. J Bras Pneumol. 2021; 47(5):1-11.
28. Bennadi D. Self-medication: A current challenge. J Basic Clin Pharm. 2013;5(1):19-23.